

EXPERIÊNCIAS INTERATIVAS COM A ESCRITAⁱ

Patrícia Cordeiro Pereira
Rosângela Cyla Goulart

Orientação: Prof^a Ms. Eliane Aparecida Bacocina

Através de pesquisas efetuadas na internet com relação às Experiências Interativas com a Escrita, podemos observar que essas experiências vão muito além do ler e escrever.

Na Educação Infantil (crianças entre zero e seis anos de idade), falaremos a respeito da metodologia lúdica.

Quem é que nunca ouviu uma história ou um conto de fadas, voou na imaginação das brincadeiras e jogos com seu amigo imaginário, cantou, dançou, participou de uma peça teatral... Enfim, foi criança na mais pura criatividade?

Esse resgate infantil é necessário para os educadores/professores da Educação Infantil, pois eles necessitam na sala de aula entender e compreender as nossas crianças, afinal, o que as crianças mais possuem é agilidade, criatividade e imaginação.

Então, não percam mais tempo! Mãos a obra! Façam uma capacitação profissional adequada, porque a experiência vai começar!

A partir dos seis anos de idade, ao entrarem para o Ensino Fundamental I, as crianças, além das aulas Lúdicas, tem que dar início à sua alfabetização. A partir daí, os livros infantis ilustrados e os jogos didáticos serão ótimos aliados para o início da sua leitura e adaptação da escrita.

A criança deve ter o prazer e a liberdade de fazer o que ela gosta para se dedicar ao desconhecido, por isso nessa fase, é fundamental o preparo e formação do profissional que irá alfabetizá-la.

É um longo caminho que tem que ser prazeroso e realizado diariamente. Tudo é novidade e vai virando rotina. Quando menos se espera, os alunos estarão lendo e escrevendo. A criança precisa de rotina e limite para ser educada.

Mas será que todas as crianças possuem a mesma desenvoltura e facilidade de aprender?

Claro que não!

Sorte a dos professores/educadores, porque se a arte de educar/ensinar fosse tão fácil assim, que graça teria anos e anos de formação e capacitação para ampliar o seu

conhecimento e no final se maravilhar e se emocionar com as descobertas que cada aluno fez com a sua dedicação no período escolar?

Por isso, complementaremos nossa pesquisa com dois temas inclusivos: a deficiência auditiva e visual.

Observamos que a má formação e a falta de capacitação dos professores podem atrapalhar a formação escolar de crianças, jovens e adultos portadores de deficiências.

Porém, com o avanço da tecnologia e da formação acadêmica (que são cada vez mais obrigatórias na área da educação), observamos que já é possível educar e ensinar as pessoas com essas deficiências da mesma forma que é feito com as pessoas que não possuem nenhum tipo de deficiência.

Tudo depende da dedicação, da boa vontade, principalmente do amor ao próximo e também do respeito pela profissão.

Quer saber como isso é possível?

É só, a partir de agora, ler e se encantar com as nossas descobertas.

Sejam bem vindos!

1. O uso do lúdico na sala de aula

“No cotidiano da sala de aula, o brincar pode ser encarado como algo sério de cunho pedagógico, para tal faz-se necessário o conhecer das diversas práticas lúdicas”. (Sousa, Gleuciane Pereira, 2010)

A palavra “escola” traz medo e insegurança para as crianças da educação infantil, pois o despreparo na formação profissional e o pouco caso dos funcionários e professores/educadores acabam assustando as crianças e afastando-as das salas de aula.

Deixar sua casa, a mamãe, o papai, seu carrinho ou a sua boneca e ir para um lugar frio, estranho, com pessoas desconhecidas é o pavor de qualquer bebê, principalmente aqueles que mal acabaram de sair da amamentação.

Mas, felizmente, esse quadro “assustador” está sendo mudado através da evolução da formação acadêmica e da capacitação dos professores/educadores que lidam direta ou indiretamente com essas crianças.

Uma nova metodologia de ensino que já está sendo aplicada em alguns estados brasileiros está fazendo a diferença dentro da sala de aula, o lúdico.

Com ele, os professores encontraram diversas formas de contextualizar as suas aulas e o que antes era tedioso, como o ensino da leitura e da escrita, tornou-se algo agradável e prazeroso para o professor/educador e seu aluno.

Nesse novo método de ensino foi observado que cada criança é única e, com isso, a forma diferenciada de ensinar fez toda a diferença.

A criança pequena está em sua formação e na fase de aprender. Tem muita criatividade, imaginação e agilidade. Ela tem um mundo inteiro ao seu redor para ser descoberto. O professor deve ter a preparação e aproveitar esse momento para desenvolver o seu projeto pedagógico de acordo com o que essa criança quer aprender.

A metodologia lúdica enriquece as aulas, pois as crianças participam mais das atividades que são administradas pelo professor.

Os jogos contribuem enriquecendo o desenvolvimento intelectual das crianças. Já outras práticas lúdicas, desenvolvem a capacidade linguística, sensório-motora e comunicativa, sem falar que o aprendizado lúdico é mais prazeroso e divertido, o que atrai as crianças.

Não é fácil efetivar essa metodologia no contexto escolar, pois é necessário o comprometimento da equipe pedagógica, uma formação acadêmica de qualidade e a capacitação dos educadores/professores. Também é necessário tirar as amarras metodológicas que foram e são utilizadas até os dias de hoje.

Para se trabalhar com o lúdico são exigidas mudanças de princípios e valores, além da consciência de que a criança aprende brincando.

O que vem em primeiro lugar é o bem estar, segurança e felicidade da criança. A criança livre e feliz se desenvolve bem e consegue aprender tudo o que lhe é passado desde que não seja repreendida.

Afinal, qual criança não vai gostar de aprender brincando e fazendo aquilo que ela gosta?

Até os mais “grandinhos” gostariam de ter aprendido desse jeito.

Ah, se todos nós pudéssemos voltar na máquina do tempo...

2. A importância do saber ler e escrever

“Escreve bem quem lê muito e escreve melhor quem lê e escreve muito”.
(Rodrigues, Marla, 2010)

A leitura não deve ser vista como uma obrigação e sim como algo prazeroso. Tudo o que fazemos em nossa vida com amor, tem um resultado positivo.

Quem não teve o hábito da leitura desde criança, dificilmente na fase adulta, gostará de ler.

A leitura é fundamental em nossa vida, pois com ela o conhecimento das palavras e do mundo se tornará mais fácil e preciso.

É importante ler aquilo que dá prazer e de acordo com a faixa etária de cada leitor. Quanto mais se lê, mais benéfica será a escrita, pois quem lê bem desenvolve melhor a prática da escrita por ter um maior entendimento das palavras.

Para aquelas pessoas que não possuem o hábito da leitura, podem começar lendo ao seu tempo, algo que lhe chame a atenção e com isso se construa um ritual diário para desenvolver o gosto pela leitura.

O mais importante é fazer a leitura espontaneamente, sempre tendo um dicionário por perto para entender o significado daquelas palavras “estranhas” e nunca se esquecer de que o conhecimento abre todas as portas do mundo para você.

A partir de hoje, adquira esse hábito, exercite o seu conhecimento e capriche na sua caligrafia. Afinal, como é bom saber ler e escrever!

Essa afirmação, com certeza, não será aceita por todos, afinal, nem todo mundo conhece a importância de saber ler e escrever bem.

Desde a infância escutamos as histórias infantis e contos de fadas contados por quem amamos. Imaginamo-nos na história e não vemos a hora de começar a ler as nossas histórias favoritas e escrever as nossas histórias vividas.

Mas nem sempre isso é possível.

Hoje podemos observar que não são todas as crianças que possuem o costume de ler, ou melhor, não gostam mesmo de ler. Pode ser por falta de ter um livro ou somente pela própria falta de interesse pela leitura, embora a maioria das cidades possuam bibliotecas públicas.

Essa é uma triste realidade, pois quem não possui o hábito de ler, de certa forma, estará à margem da sociedade, ou seja, com o avanço da tecnologia, uma pessoa que não sabe ler e escrever, dificilmente chegará à era digital, conseguirá sua formação acadêmica e pior, sempre terá subempregos e não conseguirá obter o melhor da vida para si.

É por essas e outras razões que a leitura e a escrita andam juntas e fazem muita diferença na vida de quem lê e escreve bem.

Se você não tem ainda esse costume, não se preocupe.

Comece a ler um pouco por dia. Pode ser um gibi, uma revista qualquer ou um livro de receitas.

Você ainda não sabe ler? Não faz mal.

Hoje existem diversas escolas especializadas que possuem a educação de jovens e adultos (EJA). Por isso, é fundamental que a criança frequente a escola desde cedo e nunca deixe de estudar.

Agora, se você já sabe ler e o que você tem mesmo é aquela preguiça, comece escrevendo diário ou fazendo anotações. O importante é que isso se torne um hábito diário para o seu aprimoramento.

Desperte agora para a leitura e a escrita, pois além de melhorar a sua forma de ler e escrever, o gosto por novas descobertas renascerá em você, pois estamos diariamente em evolução e nunca paramos de aprender.

A vida está em constantes mudanças, por isso você não pode parar. Ou será que você gosta de ser chamado de “careta”?

2.1 - Interação entre o professor e o aluno na aprendizagem da linguagem escrita

O objetivo específico desse trabalho é verificar as atividades realizadas que contribuam para a compreensão da linguagem escrita e identificar de que forma as atividades pedagógicas potencializam a interação para o aprendizado da linguagem escrita.

Não é suficiente ensinar o sistema de leitura e escrita ou a escrita correta das palavras, mas é preciso orientar os alunos a ler e a produzir textos, o que estabelece também uma intervenção pedagógica ordenada.

A linguagem é o principal instrumento simbólico de representação da realidade.

Desde cedo é importante que se deem condições para que o aluno tenha experiências variadas com a língua escrita.

Uma sala de aula deve ser significativa para que os alunos possam aprender elaborando e construindo significados numa interação dinâmica e permanente com os textos existentes ao seu redor.

A intencionalidade e a ação do professor, seus conhecimentos a respeito da construção da escrita e sua sensibilidade em relação às necessidades de seus alunos que potencializam a atividade.

As demonstrações, explicações, colocações, justificativas e questionamentos compreendidos pelos professores são fundamentais no processo de aprendizagem da linguagem escrita pelo aluno.

2.2 – Interações grupais: construção da leitura e escrita em atividades em sala de aula

Ao propor atividades de leitura e escrita em grupos, é possível proporcionar às crianças o confronto de concepções e pensamentos sobre o sistema da escrita.

Embora as atividades sejam diferenciadas e aconteçam em grupos, simultaneamente, a realização de um trabalho produtivo é possível, mesmo contando com apenas um professor para orientar os alunos.

Observa-se que há um avanço significativo nas concepções infantis expressas pelas crianças nos grupos acompanhados, bem como uma melhoria no processo de aprendizagem desses alunos.

Percebemos que, por se tratar de um trabalho que contempla o lúdico e os diferentes estilos cognitivos das crianças, as atividades diversificadas têm proporcionado o envolvimento efetivo destas, até mesmo daqueles alunos que em outros momentos não se sentem capazes de enfrentar os desafios propostos em sala de aula.

3. A formação do professor e a aprendizagem da criança com deficiência auditiva em sala de aula

O ser humano, através da linguagem, internaliza e se apropria de conhecimentos, desenvolvendo em seu ambiente social essa constituição, que é primordial na interação com a sociedade, tornando-o capaz de construir culturalmente uma história nos grupos sociais.

Essa linguagem é um processo determinante para o desenvolvimento cognitivo e da sua consciência. O indivíduo surdo terá algumas dificuldades nesse desenvolvimento e na construção desse mundo, sendo que o ambiente onde ele convive é um ambiente que usam a língua falada.

Isso faz com que o surdo se sinta estrangeiro em sua própria casa. A falta de conhecimento por parte de seus familiares da língua de sinais impedirá a comunicação, a interação e a construção desses conhecimentos.

Dessa forma, podemos afirmar que a linguagem (língua) tem um papel fundamental no processo de interação e ensino. Assim sendo, podemos nos perguntar: Como está sendo a interação desses indivíduos no contexto onde predomina o ser ouvinte?

Também vamos observar a inserção desses surdos em sala de aula. Será que há um suporte para a inclusão desses indivíduos no âmbito escolar?

A pesquisa de Tartuci, (Alunos Surdos na escola inclusiva: ocorrências interativas e construção de conhecimentos) focaliza em alunos da rede pública estadual, do Ensino Fundamental e Médio, avaliar as condições e a compreensão da voz humana pela audição.

Vamos observar quais são as ocorrências interativas com esses alunos surdos em sala de aula e qual é a estratégia para auxiliar nesse processo de aprendizagem.

Essa inclusão permite ao surdo construir e aprender de maneira satisfatória?

Para se ter um avanço nesse ensino, deve-se primeiramente saber o grau de aprendizagem e qual desenvolvimento o aluno ainda não domina. Isso irá complicar o seu desenvolvimento, fazendo com que ele se sinta “diferente” dos outros alunos.

Nessa pesquisa a base educacional desses alunos foi a oralista. Nesse município onde foi realizada a pesquisa somente a partir do final da década de 90 é que foram surgindo propostas, assim sendo implantada a comunicação total, considerando que o surdo tem a condição bilíngüe, ou seja, apesar dos sinais terem sido rejeitados ao longo da história nota-se que o surdo é capaz de se comunicar através de gestos e escrita, depois de executado a leitura labial.

Infelizmente esses alunos não tiveram acesso à língua de sinais, pois somente em 1998, o curso foi oferecido pela Secretária de Educação do Estado de Goiás, onde alguns professores da rede regular participaram, somente aqueles que tinham alunos surdos. Até então esse curso só havia sido disponibilizado a professores de escolas especiais e classes especiais.

Mesmo com esse curso, alguns alunos não têm o domínio fluente e não tiveram a oportunidade de alcançar certa capacidade de produzir e compreender alguns “gestos/sinais”. Mesmo que os alunos tenham conhecimento dos sinais, através da escolarização regular, ficam de certa forma impedidos de desenvolverem uma interação efetiva no uso da língua de sinais. Vamos avaliar alguns alunos surdos:

Desses alunos podemos notar a dificuldade em diferentes pontos, como por exemplo, Paulo, que consegue plenamente se expressar e ser compreendido pelos ouvintes e também compreender os ouvintes, mas Aurélio não consegue muitas vezes compreender os ouvintes, mas é capaz de se fazer compreendido pelos ouvintes.

Podemos avaliar que a construção da linguagem é complexa uma vez que o sujeito tem o domínio de uma mesma língua e a construção de sentidos se torna impossível devido aos interlocutores não terem uma língua comum.

Assim, essa dificuldade de interação e a interlocução do aluno surdo com o professor se torna uma comunicação onde a construção de conhecimentos escolares acaba sendo lentamente desenvolvida.

Esses dados são apenas parciais, ao que mostraram as observações na sala regular. Percebe-se que, por parte do ouvinte, há certo esforço em criar estratégias, porém, em alguns casos, os surdos são tratados com certa indiferença. Nas dinâmicas os professores não buscam uma forma de compreensão para os surdos tornando a comunicação mesclada.

O que é difícil de aceitar é que ainda existam professores que em sua sala de aula ignoram os surdos, como se simplesmente eles não existissem, não se preocupam com a aprendizagem daquele aluno deixando claro que é impossível ter uma compreensão mútua, fazendo com que haja uma voz e um silêncio ao mesmo tempo na sala de aula. Infelizmente, o professor acaba tendo razão, devido à sua falta de capacitação, o suporte que não é oferecido para a inclusão desses alunos.

Na maioria das aulas são feitas dinâmicas compostas por leituras, perguntas e explicações, infelizmente o aluno surdo fica sem participar devido à falta de comunicação entre ele e o professor, esse desrespeito ocorre em várias salas de aula, isso demonstra que além da Secretaria da Educação, a escola e a professora fazem a inclusão para a sociedade achar que não há preconceito com relação às crianças deficientes.

Mas onde estão os oralistas que defendem esses indivíduos? É nítido que professores que não foram capacitados integralmente não saberão lidar com essa situação. E nas provas é onde se constata a realidade que esse aluno vivência, então sem as explicações da professora o aluno surdo não terá a mínima possibilidade de entender as questões solicitadas, impedindo-o de responder o que é solicitado.

Assim, cabe questionar se para os alunos ouvintes as informações não eram claras, imaginem para os surdos? Os alunos surdos terão conhecimento da matéria e explicações se um ouvinte copiar e passar as informações para ele.

Em muitas salas de aula, criou-se uma rotina: chamada, exposição oral, cópia de exercícios, resolução e correção. Essa sequência de uma forma não muito satisfatória, ajuda aos alunos surdos, pois essa rotina faz com que eles não se percam durante a aula e traz certa tranquilidade onde eles sabem que nada além do que planejado acontecerá.

Isso faz com que os alunos surdos se sintam integrados ao grupo de ouvintes. De certo modo, os surdos são enquadrados a essa rotina, assim diminuem a exclusão desses alunos por conta da desqualificação de professores e a falta de suporte para atendê-los.

Numa das salas de aula, havia uma professora que estava retornando de uma licença, na ocasião não foi comunicado a ela a existência de uma aluna surda. Por incrível que pareça, pelo ritual diário, a professora não conseguiu identificar qual era a aluna. A partir daí, percebe-se que através desse ritual mecânico, todos os alunos são “iguais” aos olhos do professor. Ela só identificou a aluna quando uma pesquisadora a informou quem era a aluna.

No entanto, essa camuflagem apesar de absurda, favoreceu a aluna, pois deixou claro que essa surdez traria transtorno para ambas. A professora talvez não tivesse instrução de como lidar com um deficiente auditivo e para a aluna evitou-se um constrangimento de ser “diferente” de todos.

A sociedade faz uma valorização da oralidade, isso faz com que muitas vezes os surdos sintam que falta algo para eles. Com isso, a surdez torna-se uma marca que deve ser escondida e mascarada pelo ouvinte.

Diante da situação podemos ressaltar que apesar de se levar a inclusão como uma coisa obrigatória, ainda há lacunas enormes devido à falta de capacitação de professores e a falta de um suporte para que o deficiente auditivo possa se sentir igual a todos os ouvintes.

3.1 – Espaço interativo na produção da escrita dos deficientes auditivos nas tecnologias digitais

“Assim, como corpo se forma originalmente dentro do seio (corpo) materno, a consciência do homem desperta em volta na consciência do outro (...)”.
(Arcoverde, Rossana Delmar de Lima, apud. Bakhtin, 1979, p.378).

Com o crescimento das tecnologias digitais, cada vez mais usuários estão sendo conquistados. Essas tecnologias têm aumentado a interação social, por meio de ferramentas interligadas através de computadores possibilitando o uso da linguagem em diversos contextos.

Hoje algumas dessas tecnologias estão sendo utilizadas na área da educação, principalmente com crianças portadoras de necessidades especiais, mas neste trabalho destacamos os surdos, esclarecendo os objetivos da proposta, embasamento teórico entre outros.

Essa pesquisa irá nos aprofundar na inclusão dos surdos nesse momento tecnológico.

Na Idade Antiga e na Idade Média, os surdos eram excluídos do convívio social, pois eram considerados incapazes de serem educados e eram considerados selvagens. Essas ideias infelizmente foram mantidas por muito tempo, pois o surdo não era considerado sujeito social, como todo ser humano. Para a sociedade ele não tinha o direito de ser alfabetizado.

Os surdos têm uma capacidade intelectual mesmo sendo privados de um dos seus sentidos e são capazes de transpor barreiras, eles são capazes de interagir e aprender.

Para a inclusão dos surdos na sociedade, ainda há muitas barreiras. Apesar de ser obrigatória a inclusão escolar, esse tema ainda desperta muitas discussões. Claro que isso envolve primeiramente o sistema político, em seguida o social, mas com as novas linhas pedagógicas as pessoas que estão cada vez mais capacitadas, esse preconceito está sendo mudado. Há uma nova perspectiva de interação social, que é a tecnologia digital e que está sendo uma grande aliada nessas mudanças.

A linguagem escrita é um recurso social. Através dela a sociedade pode ser construída ao longo do tempo, tendo assim sua história e cultura preservada. Como sabemos, sem a escrita jamais teríamos registros e pesquisas importantes efetuadas. A partir do uso da escrita, no entanto, é mais do que um domínio dos códigos de um sistema lingüístico. É antes de tudo dar oportunidade ao ser humano de um mundo cheio de novas ideias, para que ele possa ler, compreender, responder, perguntar e argumentar. É fazer uso de uma língua carregando valores, gêneros e discursos.

Para os surdos, esse uso se torna apropriado uma vez que oferecem suportes para essas interações verbais apropriando-se da linguagem de sinais ou escrita.

Isso implica em tornar os surdos participantes ativos na sociedade. As novas tecnologias digitais podem ser utilizadas no processo dessa apropriação. Ao construírem essa possibilidade, cria-se um espaço a ser explorado, em especial, pelas práticas educacionais.

O uso dessas tecnologias na área da educação promovem interações sociais, como por exemplo, os cursos à distância e semipresenciais.

Através desses cursos os surdos dialogam com a sociedade de modo que o ensino da aprendizagem potencializa essa nova concepção. Através da internet, o surdo pode escrever em português, pensar em português usando a linguagem escrita e incorporando uma necessidade discursiva.

Os surdos podem vivenciar essa experiência, interagindo com a sociedade, utilizando a linguagem escrita na língua materna.

Com essa nova tecnologia é possível permitir que o uso da linguagem escrita deva possibilitar no contexto digital suportes para tal tecnologia, ou seja, criar um espaço onde a palavra escrita em língua portuguesa possa entrelaçar com as vozes/enunciados.

Na verdade o interessante é que o surdo tenha condições para utilizar o contexto digital na diversidade social das linguagens e possa interagir com a sociedade. As tecnologias digitais introduzem espontaneamente os surdos e seus ouvintes na língua que estão utilizando para se comunicar, fazendo parte de uma atividade enunciativo-discursiva. Permitem que os surdos tenham a oportunidade de interagir e aprender.

Para alguns surdos, a língua de sinais é a primeira língua, o que faz o surdo ser reconhecido como sujeito social e enunciador efetivo, embora nem todos tenham as mesmas condições de acesso e desenvolvimento lingüístico. No entanto, através das tecnologias digitais, os surdos podem exercer a língua materna, no caso do Brasil, o português, ou seja, através do desenvolvimento da escrita pela internet os surdos são inseridos como sujeito social nacional.

Ao fazer uso da linguagem escrita, os surdos se apropriaram de um conhecimento social e cultural. Com essa apropriação o diálogo se dará em diversas linguagens sociais, tornando o surdo integrante da nação a que pertence.

Hoje professores interagem muito mais com a internet utilizando o e-mail como ferramenta de trabalho para corrigir, enviar e orientar seus alunos com relação a trabalhos acadêmicos.

O estudo através da internet faz o surdo escrever o Português e pensar em Português, fazendo uso social da linguagem incorporada numa sociedade discursiva. A partir daí, podemos verificar a capacidade do surdo de vivenciar essa experiência, podendo interagir normalmente com a sociedade através da internet, escrevendo em português, sem precisar de um intérprete.

A intenção é visualizar as possibilidades desse recurso para que a comunicação possa ser mediada por um computador dando condições para que os surdos, em contexto digital e na diversidade digital, possam fazer parte dessa sociedade cada vez mais tecnológica, podendo se comunicar espontaneamente, até utilizando a fala atual e suas gírias.

Assim o surdo, através desse conhecimento, se torna capaz de criar seus próprios enunciados com entonações, dialogismos e plurilinguismo, de acordo com o seu conhecimento significativo da escrita.

4. – O Sistema Braille

É conhecido como meio de leitura e escrita para cegos. O sistema usa uma combinação de 63 pontos para representar as letras, números e outros símbolos gráficos. Cada letra é formada pela combinação de seis pontos, dispostos em duas colunas com três pontos cada, chamada Cella Braille.

A diferente disposição destes seis pontos possibilita a escrita das 63 combinações do sistema. Para facilitar a sua identificação os pontos são numerados da seguinte forma:

Do alto para baixo, coluna da esquerda: pontos 1-2-3.

Do alto para baixo, coluna da direita: pontos 4-5-6.

As dez primeiras letras são feitas a partir da combinação dos quatro pontos superiores (1,2,4 e 5). As dez seguintes são feitas com os mesmos pontos, porém acrescidos do ponto 3, as letras restantes utilizam também o ponto 6.

*1 *4

*2 *5

*3 *6

Os símbolos da primeira linha são as 10 primeiras letras do alfabeto romano (a-j). Esses mesmos sinais, na mesma ordem, assumem características de valores numéricos 1-0, quando precedidas do sinal do número, formado pelos pontos 3-4-5-6.

Vinte e seis sinais são utilizados para o alfabeto, dez para os sinais de pontuação de uso internacional, correspondendo aos dez sinais da primeira linha, localizados na parte inferior da Cella Braille: pontos 2-3-5-6. Os vinte e seis sinais restantes são destinados às necessidades especiais de cada língua (letras acentuadas, por exemplo) e para abreviaturas.

O sistema Braille pode ser usado por extenso ou por meio de abreviaturas, que faz com que ele seja classificado em três níveis:

Grau 1: escrita por extenso, sem abreviaturas;

Grau 2: é a forma abreviada, empregada para representar as conjunções, preposições, pronomes, prefixos, sufixos, grupos de letras que são comumente encontradas nas palavras de uso corrente. A principal razão de seu emprego é reduzir o volume dos livros em Braille e permitir o maior rendimento na leitura e na escrita.

Grau 3: abreviaturas complexas que necessita que o cego possua um profundo conhecimento do sistema, boa memória e grande sensibilidade tátil.

A escrita Braille é realizada por meio de uma reglete e punção ou de uma máquina de escrever Braille.

A reglete é uma régua de madeira, metal ou plástico com um conjunto de Celas Braille dispostas em linhas horizontais sobre uma base plana.

O punção é um instrumento em madeira ou plástico no formato de pêra ou anatômico, com ponta metálica, utilizado para a perfuração dos pontos na Cella Braille.

O movimento de perfuração deve ser realizado da direita para a esquerda para produzir a escrita em relevo de forma não espelhada.

Já a leitura é realizada da esquerda para a direita. Esse processo de escrita tem a desvantagem de ser lento devido à perfuração de cada ponto, exige boa coordenação motora e dificulta a correção de erros.

A máquina de escrever tem seis teclas básicas correspondentes aos pontos da Cella Braille.

O toque simultâneo de uma combinação de teclas produz os pontos que correspondem aos sinais e símbolos desejados. É um mecanismo de escrita mais rápido, prático e eficiente.

A escrita em relevo e a leitura tátil baseiam-se em componentes específicos no que diz respeito ao movimento das mãos, mudança de linha, adequação da postura e manuseio do papel.

Esse processo requer o desenvolvimento de habilidades do tato que envolva conceitos espaciais e numéricos, sensibilidade, destreza motora, coordenação bimanual, discriminação, dentre outros aspectos. Por isso, o aprendizado do sistema Braille deve ser realizado em condições adequadas, de forma simultânea e complementar ao processo de alfabetização dos alunos cegos.

Todas as atividades devem ser pensadas e adaptadas previamente. Excursões, exibição de filmes, exposições ou documentários devem ter uma descrição oral por parte do professor, para que o aluno possa utilizar-se de dados reais e não só de sua imaginação no entendimento da atividade proposta.

Desenhos devem ser apresentados em relevo e todos os símbolos e diagramas das mais diferentes disciplinas devem ser descritos oralmente. Os alunos cegos devem participar de quase todas as atividades em sala de aula e fora dela, cabendo ao professor usar o bom senso e a criatividade na elaboração de exercícios e trabalhos escolares.

Ao avaliar um aluno cego, o professor deve adaptar todo o material para que a avaliação se processe de maneira satisfatória. Os exercícios orais são recomendados, bem como provas e textos adaptados ao sistema Braille. Como dito acima, todos os desenhos, gráficos, gravuras e demais pictogramas devem estar em relevo. Vale ressaltar que o tempo da avaliação deve ser estendido, possibilitando que o aluno avaliado se sinta mais à vontade.

Dentre os muitos recursos didáticos a serem utilizados pelos alunos cegos ou com baixa visão podemos destacar os sólidos geométricos, jogos de encaixe, ligue-ligue e outros.

Muitos desses materiais podem ser confeccionados com sucata, o que permite que qualquer sala de aula tenha jogos criados pelo professor e até mesmo pelos alunos.

Outros podem ser adaptados, como mapas de encaixe e instrumentos de medir. Os desenhos devem possuir relevos que ressalte os detalhes das figuras sem com tudo fugir muito do tamanho original, de modo a não prejudicar a apresentação da totalidade e a percepção global. Além destes recursos o professor deve sempre utilizar o método Braille ou fontes ampliadas para facilitar a aprendizagem, maquetes e modelos também são bem vindos, já que nem tudo o que nos cerca está ao alcance das mãos. As maquetes em especial podem dar à criança cega informações importantes como acidentes geográficos, disposição de ruas e avenidas do bairro, sistemas planetários e fenômenos da natureza.

O professor pode recorrer também a livros didáticos adaptados, que são livros transcritos para o método Braille e recursos tecnológicos, como os programas DOSVOX.

Ele possui ferramentas e aplicativos próprios, além de agenda, chat e jogos interativos.

VIRTUAL VISION, um software brasileiro, concebido para operar com os utilitários e as ferramentas do ambiente Windows também podem ser utilizados pelos cegos na sua aprendizagem tecnológica.

Assim, podemos perceber que o aluno que tem alguma deficiência só pode ser excluído se o professor não entendê-lo, pois todos aprendem, só que de maneiras diferentes.

Considerações Finais

Neste trabalho, chegamos à conclusão de como é importante saber ler e escrever para podermos desvendar o mundo!

Vimos a importância do lúdico na fase inicial da vida de um ser humano e da sua leitura de mundo, de uma forma suave e prazerosa.

Como ter o hábito de ler e escrever faz com que as pessoas saiam da alienação, dando a elas um senso crítico, podendo assim opinar em assuntos que antes não tinham conhecimento.

Através da inclusão, vimos como a formação e capacitação dos professores é importante para que os deficientes possam realmente ser integrados e interagirem em sala de aula, ao invés de serem apenas “colocados” na escola sem ter o aprendizado específico.

Graças às tecnologias digitais e entre tantas outras propostas de inclusão social desses indivíduos, a sociedade aos poucos está enxergando-os como seres humanos “perfeitos” e que

mesmo com uma deficiência são capazes de superar expectativas, desenvolvendo projetos e criando seus próprios discursos sem a necessidade de um intérprete.

Isso nos faz refletir sobre o desenvolvimento social:

Será que estamos perto de alcançar a tão sonhada igualdade entre os seres humanos? Será que no futuro, assim como os deficientes auditivos e visuais, outros poderão ser tratados com igualdade, sem aquele olhar de “pena”?

Esperamos que sim, afinal, como será benéfico para essa geração que infelizmente ainda sofre pelos atos impensados de certos “ignorantes”, esperarem essa tecnologia digital possa evoluir de forma positiva e que esses indivíduos possam cada vez mais superar seus limites e se tornarem “ouvintes” numa sociedade silenciosa.

E pensar que ainda existem pessoas que acham que a experiência com a escrita só depende de um lápis e um papel...

Referências Bibliográficas

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. **Tecnologias Digitais: Novo Espaço Interativo na produção escrita dos surdos**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2006. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a08v2669>>. Acesso em 31/08/2011.

GOMES, Milena Soares, 2010. **Interação entre professor e aluno durante o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem da língua escrita**. Disponível em: <<http://biblioteca.universia.net/htmlbura/ficha/params/title/intera%C3%A7%C3%A3o-professor-aluno-desenvolvimento-estrategias-aprendizagem-da-linguagem-escrita/id/6008922.htm>>. Acesso em 31/08/2011.

RODRIGUES, Marla, 2008. **Como transformar a leitura em um ato prazeroso**. Equipe Brasil Escola Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/dicasdeestudo/como-ler-bem.htm>>. Acesso em 31/08/2011.

SÁ, Elizabeth Dias de et CAMPOS, Izilda Maria de et SILVA, Myriam Beatriz Campolina, 2007. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento educacional especializado: Deficiência Visual**. In MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dv.pdf>. Acesso em 05/09/2011.

SOUSA, Gleuciane Pereira, 2010. Projeto Casinha de Leitura: **O Lúdico na sala de aula**. Disponível em: <<http://casinhadeleitura.wordpress.com/2010/03/12/o-ludico-na-sala-de-aula>>. Acesso em: 31/08/2011.

TARTUCI, Dulcéria. **Alunos surdos na escola inclusiva: ocorrências interativas e construção de conhecimentos**. Piracicaba/SP: Unimep, 2001. Doutorando - Unimep - Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82:alunos-surdos-na-escola-inclusiva-ocorrencias-interativas-e-construcao-de-conhecimentos&catid=6:educacao-inclusiva&Itemid=17>. Acesso em: 31/08/2011.

ⁱ Trabalho realizado no 2º semestre do Curso de Pedagogia, para a disciplina Língua Portuguesa II, no segundo semestre de 2011.